

**OS ESCRAVOS, DE CASTRO ALVES**

## O NAVIO NEGREIRO

## Tragédia no Mar

## 1ª

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço  
Brinca o luar — doirada borboleta —  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar...Do firmamento  
Os astros saltam como espumas de ouro...  
O mar em troca acende as ardentias  
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos  
Ali se estreitam num abraço insano  
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...  
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar...abrindo as velas  
Ao quente arfar das virações marinhas,  
Veleiro brigue corre à flor dos mares  
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes  
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?  
Neste Saara os córceis o pó levantam  
Galopam, voam, mas não deixam traço

Bem feliz quem ali pode nest' hora  
Sentir deste painel a majestade!...  
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!  
Que música suave ao longe soa!  
Meus Deus! como é sublime um canto ardente  
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros  
Tostados pelo sol dos quatro mundos!  
Crianças que a procela acalentara  
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! Esperai! deixai que eu beba  
Esta selvagem, livre poesia...

Orquestra — é o mar que ruge pela proa,  
 E o vento que nas cordas assobia...  
 Porque foges assim, barco ligeiro?  
 Porque foges do pávido poeta?  
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira  
 Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,  
 Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,  
 Sacode as penas, Leviatã do espaço!  
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

2<sup>a</sup>

Que importa do nauta o berço,  
 Donde é filho, qual seu lar?...  
 Ama a cadência do verso  
 Que lhe ensina o velho mar!  
 Cantai! Que a noite é divina!  
 Resvala o brigue à bolina  
 Como um golfinho veloz.  
 Presa ao mastro da mezena  
 Saudosa bandeira acena  
 Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas  
 Requebradas de languor,  
 Lembram as moças morenas,  
 As andaluzas em flor.  
 Da Itália o filho indolente  
 Canta Veneza dormente  
 — Terra de amor e traição —  
 Ou do golfo no regaço  
 Relembra os versos do Tasso  
 Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,  
 Que ao nascer no mar se achou —  
 (porque a Inglaterra é um navio  
 que Deus na Mancha ancorou)  
 Rijo entoa pátrias glórias,  
 Lembrando orgulhoso histórias  
 De Nelson e de Aboukir.  
 O Francês — predestinado —  
 Canta os louros do passado  
 E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Helenos,  
 Que a vaga iônia criou,  
 Belos piratas morenos  
 Do mar que Ulisses cortou,

Homens que fídias talhara,  
 Vão cantando em noite clara  
 Versos que Homero gemeu...  
 ...Nautas de todas as plagas...!  
 Vós sabeis achar nas vagas  
 As melodias do céu....

3<sup>a</sup>

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
 Desce mais, ainda mais.... não pode o olhar humano  
 Como o teu mergulhar no brigue voador  
 Mas que vejo eu ali... que quadro de armaduras!  
 Que cena funeral cantar!... Que tétricas figuras!...  
 Que cena infame e vil!... meu Deus! Que horror!

4<sup>a</sup>

Era um sonho dantesco... O tombadilho  
 Que das luzernas avermelha o brilho,  
     Em sangue a se banhar.  
 Tinir de ferros... estalar de açoite...  
 Legiões de homens negros como a noite,  
 Horrendos a dançar...

Negras mulheres , suspendendo às tetas  
 Magras crianças, cujas bocas pretas  
     Rega o sangue das mães:  
 Outras moças, mas nuas, espantadas  
 No turbilhão de espectros arrastadas,  
     Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...  
 E da ronda fantástica a serpente  
     Faz doudas espirais...  
 Se o velho arqueja... se no chão resvala,  
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
     E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,  
 A multidão faminta cambaleia,  
     E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece...  
 Outro, que de martírios embrutece,  
     Cantando, geme e ri

No entanto o capitão manda a manobra  
 E após, fitando o céu que se desdobra  
     Tão puro sobre o mar,  
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:

“ Vibrai rijo o chicote, marinheiros!  
 Fazei-os mais dançar!...”  
 E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
 E da roda fantástica a serpente  
 Faz doudas espirais!  
 Qual num sonho dantesco as sombras voam...  
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
 E ri-se Satanás!...

5<sup>a</sup>

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus!  
 Se é loucura... se é verdade  
 Tanto horror perante os céus...  
 Ó mar! porque não apagas  
 Co’ a esponja de tuas vagas  
 De teu manto este borrão?...  
 Astros! noite! tempestades!  
 Rolai das imensidades!  
 Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados  
 Que não encontram em vós,  
 Mais que o rir calmo da turba  
 Que excita a fúria do algoz?  
 Quem são?... Se a estrela se cala,  
 Se a vaga à pressa resvala  
 Como um cúmplice fugaz,  
 Perante a noite confusa...  
 Dize-o tu, severa musa,  
 Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto  
 Onde a terra esposa a luz.  
 Onde voa em campo aberto  
 A tribo dos homens nus...  
 São os guerreiros ousados,  
 Que com os tigres mosqueados  
 Combatem na solidão...  
 Homens simples, fortes, bravos...  
 Hoje míseros escravos,  
 Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas  
 Como Agar o foi também  
 Que sedentas, alquebradas  
 De longe... bem longe vêm...  
 Trazendo com túbios passos,  
 Filhos e algemas nos braços,

N' alma – lágrimas e fel.

Como Agar sofrendo tanto  
Que nem o leite do pranto  
Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,  
Das palmeiras no país,  
Nasceram — crianças lindas,  
Viveram — moças gentis...  
Passa um dia a *caravana*,  
Quando a virgem na cabana  
Cisma da noite nos véus...

... Adeus! ó choça do monte!...  
... Adeus! palmeiras da fonte!...  
... Adeus! amores... adeus!...

Depois o areal extenso...  
Depois, o oceano de pó...  
Depois no horizonte imenso  
Desertos... desertos só...

E a fome, o cansaço, a sede  
Ai! quanto infeliz que cede,  
E cai p'ra não mais s'erguer!...  
Vaga um lugar na *cadeia*,  
Mas o chacal sobre a areia  
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,  
A guerra, a caça ao leão,  
O sono dormido à toa  
Sob as tendas d'amplidão...

Hoje... o *porão* negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... Cum'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra... morrer...  
Prende-os a mesma corrente  
— Férrea, lúgubre serpente —  
Nas roscas da escravidão.

E assim roubados à morte,  
Dança a lúgubre coorte  
Ao som do açoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus...  
Ó mar, porque não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
Do teu manto este borrão?...  
Astros! noite! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!...

6<sup>a</sup>

Existe um povo que a bandeira empresta  
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?!...  
Silêncio!... Musa! chora, e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do Sol encerra,  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu, que da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança,  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu na vaga,  
Como um íris no pélago profundo!...  
... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...  
Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

S. Paulo, 18 de Abril de 1868.

## VOZES D'ÁFRICA

Deus! ó Deus onde estás que não respondes?  
 Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes  
     Embuçado nos céus?  
 Ha dois mil anos te mandei meu grito,  
 Que embalde, desde então, corre o infinito...  
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia  
 Do deserto na rubra penedia,  
     — Infinito: galé!...  
 Por abutre — me deste o Sol candente,  
 E a terra de Suez — foi a corrente  
     Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno  
 Sob a vergasta tomba ressupino,  
     E morre no areal.  
 Minha garupa sangra, a dor poreja,  
 Quando o chicote do *simoun* dardeja  
     O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...  
 Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas  
     Dos *harens* do Sultão.  
 Ou no dorso dos brancos elefantes  
 Embala-se coberta de brilhantes  
     Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...  
 O Ganges amoroso beija a praia  
     Coberta de corais...  
 A brisa de Misora o céu inflama;  
 E ela dorme nos templos do Deus Brama,  
     — Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...  
 A mulher deslumbrante e caprichosa,  
     Rainha e cortesã.  
 Artista — corta o mármore de Carrara;  
 Poetisa — tange os hinos de Ferrara,  
     No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...  
 Ora uma c'rôa, ora o *barrete frígio*  
     Enflora-lhe a cerviz.  
 O Universo após ela — doudo amante —

Segue cativo o passo delirante  
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada  
Em meio das areias esgarrada,  
Perdida marcho em vão!  
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;  
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!  
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra na floresta...  
Para cobrir-me nem um templo resta  
No solo abrasador...  
Quando subo às pirâmides do Egito,  
Embalde aos quatro céus chorando grito:  
“Abriga-me, Senhor!...”

Como o profeta em cinza a fronte envolve,  
Velo a cabeça no areal, que volve  
O siroco feroz...  
Quando eu passo no Saara amortalhada...  
Ai! dizem: “Lá vai África embuçada  
No seu branco Albornoz...”

Nem vêem que o deserto é meu sudário  
Que o silêncio campeia solitário  
Por sobre o peito meu.  
Lá no solo onde o cardo apenas medra  
Boceja o Esfinge colossal de pedra  
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas  
As cegonhas espiam debruçadas  
O horizonte sem fim  
Onde branqueja a caravana errante  
E o camelo monótono, arquejante  
Que desce de Efrain...

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!  
É, pois, teu peito eterno, inexaurível  
De vingança e rancor?...  
E que é que fiz senhor? que torvo crime  
Eu cometi jamais que assim me oprime  
Teu gládio vingador?!...

Foi depois do Dilúvio... Um viandante,  
Negro, sombrio, pálido, arquejante,  
Descia do Arará...  
E eu disse ao peregrino fulminado:  
“Cão!... serás meu esposo bem amado...  
— Serei tua Eloá...”

Deste este dia o vento da desgraça  
 Por meus cabelos ululando passa  
 O Anátema cruel.  
 As tribos erram do areal nas vagas  
 E o nômade faminto corta as plagas  
 No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...  
 Vi meu povo seguir — judeu maldito —  
 Trilho da perdição.  
 Depois vi minha prole desgraçada  
 Pelas garras d'Europa — arrebatada —  
 Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte...  
 Teu sangue não lavou da minha fonte  
 A mancha original.  
 Ainda hoje são, por fado adverso,  
 Meus filhos — alimária do universo,  
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre  
 — Condor que transforma-se em abutre  
 Ave da escravidão,  
 Ela juntou-se às mais... irmã traidora  
 Qual de José os vi irmãos outrora  
 Venderam seu irmão.

Basta, senhor! De teu potente braço  
 Role através dos astros e do espaço  
 Perdão p'ra os crimes meus!...  
 Há dois mil anos... eu soluço um grito...  
 Escuta o brado meu lá no infinito  
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

S. Paulo, 11 de junho de 1868.

## A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,  
Sentado na estreita sala,  
Junto ao braseiro, no chão,  
Entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto  
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava  
Os olhos no filho crava,  
Que tem no colo a embalar...  
E à meia voz lá responde  
Ao canto, e o filhinho esconde,  
Talvez p'ra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,  
Das bandas de onde o Sol vem;  
Esta terra é mais bonita,  
Mas à outra eu quero bem!

O Sol faz lá tudo em fogo,  
Faz em brasa toda a areia;  
Ninguém sabe como é belo  
Ver de tarde a *papa-ceia!*

Aquelas terras tão grandes,  
Tão compridas como o mar,  
Com suas poucas palmeiras  
Dão vontade de pensar...

Lá todos vivem felizes,  
Todos dançam no terreiro;  
A gente lá não se vende  
Como aqui, só por dinheiro.”

O escravo calou a fala,  
Porque na úmida sala  
O fogo estava a apagar;  
E a escrava acabou seu canto,  
P'ra não acordar com o pranto  
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,  
Pois tinha de levantar-se

Bem antes do Sol nascer,  
 E se tardasse, coitado,  
 Teria de ser surrado,  
 Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada  
 Deita seu filho, calada,  
 E põe-se triste a beija-lo,  
 Talvez temendo que o dono  
 Não viesse, em meio do sono,  
 De seus braços arrancá-lo

Recife, 1863.

### O SÉCULO

O SÉC'LO é grande... No espaço  
 Há um drama de treva e luz.  
 Como o Cristo a liberdade  
 Sangra no poste da cruz.  
 Um corvo escuro, anegrado,  
 Obumbra o manto azulado,  
 Das asas d'águia dos céus...  
 Arquejam peitos e fronte...  
 Nos lábios dos horizontes  
 Há um riso de luz... É Deus.

Às vezes quebra o silêncio  
 Ronco estrídulo, feroz.  
 Será o rugir das matas,  
 Ou da plebe a imensa voz?...  
 Treme a terra triste e sombria...  
 São as vascas da agonia  
 Da liberdade no chão?...  
 Ou do povo o braço ousado  
 Que, sob mortes calcado,  
 Abala-os como um titão?!...

Ante esse escuro problema  
 Há um irônico rir.  
 Pra nós o vento da esp'rança  
 Traz o pólen do porvir.  
 E enquanto o cepticismo  
 Mergulha os olhos no abismo,  
 Que a seus pés raivando tem,  
 Rasga o moço os nevoeiros,  
 P'ra dos morros altaneiros  
 Ver o Sol que irrompe além.

Toda noite — tem auroras,  
 Raios — toda a escuridão.  
 Moços, creiamos, não tarda  
 A aurora da redenção.  
 Gemer — é esperar um canto...  
 Chorar — aguardar que o pranto  
 Faça-se estrela nos céus.  
 O mundo é o nauta nas vagas...  
 Terá do oceano as plagas  
 Se existem justiça e Deus.

No entanto inda há muita noite  
 No mapa da criação.  
 Sangra o abutre tirano  
 Muito cadáver-nação.  
 Desde a Polônia esvaída,  
 Cataléptica, adormida,  
 À tumba do Sobieski;  
 Inda em sonhos busca a espada...  
 Os reis passam sem ver nada...  
 E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sobre o peito  
 O pesadelo dos reis!  
 A Grécia espera chorando  
 Canaris... Byron talvez!  
 Napoleão amordaça  
 A boca da populaça  
 E olha Jersey com terror;  
 Como o filho de Sorrento,  
 Treme ao fitar um momento  
 O Vesúvio aterrorador.

A Hungria é como um cadáver  
 Ao relento exposto nu;  
 Nem sequer a abriga a sombra  
 Do foragido Kossuth.  
 Aqui — o México ardente,  
 — Vasto filho independente  
 — Da liberdade e do Sol —  
 — Jaz por terra... e lá soluça  
 Juarez, que se debruça  
 E diz-lhe: “Espera o arrebol!”

O quadro é negro. Que os fracos  
 Recuem cheios de horror.  
 A nós, herdeiros dos Gracos,  
 Traz a desgraça — valor!  
 Lutai... há uma lei sublime

Que diz: “À sombra do crime  
 Há de a vingança marchar”.  
 Não ouvis do Norte um grito,  
 Que bate aos pés do infinito,  
 Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados  
 Que brada aos moços — “de pé!”  
 É o Sol das liberdades  
 Que espera por Josué!...  
 São bocas de mil escravos  
 Que transformaram-se em bravos  
 Ao cinzel da abolição.  
 E — à voz dos libertadores —  
 Reptis saltam condores,  
 A topetar n'amplidão!....

E vós, arcas do futuro,  
 Crisálidas do porvir,  
 Quando vosso braço ousado  
 Legislações construir,  
 Levantai um templo novo,  
 Porém não que esmague o povo,  
 Mas lhe seja o pedestal.  
 Que ao menino dê-se a escola,  
 Ao veterano — uma esmola...  
 A todos — luz e fanal!

Luz!... sim; que a criança é uma ave,  
 Cujo porvir tendes vós;  
 No Sol — é uma águia arrojada,  
 Na sombra — um mocho feroz.  
 Libertai tribunas, prelos...  
 São fracos, mesquinhos ellos...  
 Não calqueis o povo-rei!  
 Que este mar d'almas e peitos,  
 Com as vagas de seus direitos,  
 Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,  
 Faça-se dele — uma cruz!  
 A purpura sirva ao povo  
 P'ra cobrir os ombros nus.  
 Que aos gritos do Niagara  
 — Sem escravos, — Guanabara  
 Se eleve ao fulgor dos sóis!  
 Banhem-se em luz os prostíbulos,  
 E das lascas dos patíbulos  
 Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade  
 É o Moisés no Sinai;  
 Das mãos do Eterno recebe  
 As tábuas da lei! — marchai!  
 Quem cai na luta com gloria,  
 Tomba nos braços da historia,  
 No coração do Brasil!  
 Moços, do topo dos Andes,  
 Pirâmides vastas, grandes,  
 Vos contemplam séc'los mil!

Pernambuco, agosto de 1865.

### A VISÃO DOS MORTOS

Nas horas tristes que em neblinas densas  
 A terra envolta num sudário dorme,  
 E o vento geme na amplidão celeste  
 — Cúpula imensa dum sepulcro enorme, —  
 Um grito passa despertando os ares,  
 Levanta as lousas invisível mão.  
 Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Saara  
 Surge um fantasma com soberbo passo,  
 Presos os braços, laureada a frente,  
 Louco, poeta, como fora o Tasso.  
 Do Sul, do Norte, do Oriente irrompem  
 Dórias, Siqueiras e Machado então.  
 Vem Pedro Ivo no cavalo negro  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido  
 Lá se destaca das cerúleas telas,  
 Pelos cabelos a cabeça erguendo,  
 Que rola sangue, que espadana estrelas.  
 E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,  
 Que amassa um povo na robusta mão:  
 O vento agita do tribuno a toga  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range... estremecendo move-se  
 O rei de bronze na deserta praça.

O povo grita: Independência ou morte!  
 Vendo soberbo o Imperador, que passa.  
 Duas coroas seu cavalo pisa,  
 Mais duas cartas ele traz na mão.  
 Por guarda de honra tem dous povos livres,  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Então, no meio, de um silêncio lúgubre,  
 Solta este grito a legião da morte:  
 “Aonde a terra que talhamos livre,  
 Aonde o povo que fizemos forte?  
 Nossas mortalhas o presente inunda  
 No sangue o escravo, que nodoa o chão.  
 Anchietas, Gracos, vós dormis na orgia,  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

“Brutus renega a tribunícia toga,  
 O apost’lo cospe no Evangelho Santo,  
 E o Christo — Povo, no Calvário erguido,  
 Fita o futuro com sombrio espanto.  
 Nos ninhos d’aguias que nos restam? — Corvos.  
 Que vendo a pátria se estorcer no chão,  
 Passam, repassam, como alados crimes,  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Oh! é preciso inda esperar cem anos...  
 Cem anos!...” brada a legião da morte.  
 E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,  
 Sacode o grito soluçando, — o norte.  
 Sobre os corceis dos nevoeiros brancos  
 Pelo infinito a galopar lá vão...  
 Erguem-se as névoas como pó do espaço  
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Recife, 8 de dezembro de 1885.

#### MATER DOLOROSA

Meu filho, dorme, dorme o sono eterno  
 No berço imenso, que se chama — o céu.  
 Pede às estrelas um olhar materno,  
 Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,  
 As asas de ouro vais além abrir.  
 Ai! rosa branca no matiz tão pálida,  
 Longe, tão longe vais de mim florir.

Meu filho, dorme... Como ruge o norte  
Nas folhas secas do sombrio chão!...  
Folha dest'alma como dar-te à sorte?...  
É tredo, horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem termo  
Bebi a força de matar-te... a mim...  
Viva eu cativa o soluçar num ermo...  
Filho, sê livre... Sou feliz assim...

— Ave — te espera da lufada o açoite,  
— Estrela — guia-te uma luz falaz.  
— Aurora minha — só te aguarda a noite,  
— Pobre inocente — já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...  
Deus me perdoa... me perdoa já.  
A fera enchente quebraria o vime...  
Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno...  
No berço imenso, que se chama o céu.  
Pede às estrelas um olhar materno,  
Um seio quente, como o seio meu.

Recife, 7 de Junho de 1865.

Acervo Digital  
**Biblioteca Nacional**